

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Resumo da 24ª Aula: 24.09.2015

Assunto principal: O alto custo da alteridade. A patriarcalização e a matriarcalização normal e defensiva da alteridade. A luz e a Sombra do desenvolvimento arquetípico em direção à alteridade por intermédio da dominância matriarcal ilustrada pelo documentário *O Homem Urso*, dirigido por Werner Herzog.

Boa noite a todos.

Hoje é a nossa 24ª aula. Como vimos nas duas aulas anteriores (22ª e 23ª), a segunda metade do século vinte apresentou o declínio da dominância patriarcal, em função da sua Sombra que se expressou na patriarcalização do socialismo, no Comunismo (1917-1989) e no Nacional Socialismo, durante a primeira e a segunda guerra mundiais. A cultura ocidental começou a desmistificar o herói patriarcal e a ver, ao lado de sua virtude organizadora, o seu rastro de sangue e da destruição ecológica planetária. Foi nesse processo que o Arquétipo Matriarcal ferido e reprimido se reergueu e mostrou toda a exuberância da sua sensualidade e fertilidade na continuação da busca da implantação da alteridade.

Como resultado da decadência da dominância patriarcal, observamos a erupção de **uma onda voluptuosa coordenada pelo Arquétipo Matriarcal invadir o Self Cultural do ocidente com o movimento *hippie***, com a busca dos direitos da mulher, dos negros, dos índios e dos homossexuais, da ecologia, da sexualidade, dos estados alterados de consciência, da criatividade musical, do resgate do corpo, do relacionamento social afetivo e dos estados alterados da consciência com psicotrópicos. Essa onda tomou conta dos Estados Unidos numa oposição fervorosa à competição desumana do capitalismo selvagem e à participação americana na guerra do Vietnã.

No meio dessa avalanche de sensualidade, que incluiu a relação animista com a natureza, teve lugar o drama épico de Timothy Treadwell (1957-2003). Sua vida heroica de pioneiro dedicado à proteção dos 35 mil ursos pardos (*grizzly bears*) do Alasca, mostrou simbolicamente a luz e a Sombra da grande revolução ecológica da segunda metade do século vinte.

Ele tinha quatro irmãos e sua família era de classe média. Desde pequeno, Timothy adorava um pequeno urso de pelúcia e criava pequenos animais, gosto que partilhava com sua mãe. Seu preferido era um esquilo, que o seguia pela casa.

Sua habilidade física privilegiada permitiu a Timothy ganhar uma bolsa de estudos na universidade. Distinguiu-se na natação e no salto de trampolim. Ao praticar essa atividade, feriu-se nas costas e não pode mais saltar. Era consumidor de maconha e de álcool e, com o tempo, tornou-se alcoolista. Perdeu a bolsa na universidade e passou a viver de surfe e de trabalhos em restaurantes, onde começou a namorar Jewel Palavak.

Aos trinta e três anos conheceu os ursos pardos, deixou a maconha e o álcool e, desde então, durante treze anos, acampou entre eles no Parque Nacional de Katmai, no Alasca, da primavera ao outono. O namoro com Jewel durou três anos. Depois ficaram muito amigos e criaram a *Grizzly People Foundation*.

Timothy era provavelmente do tipo sentimento-intuição extrovertido, com forte dominância matriarcal e, por sincronicidade, empolgou-se com o movimento ecológico em andamento no país. Estruturou uma relação simbiótica com os ursos, de maneira tão intensa e animista, que aos poucos foi perdendo sua identidade e se sentindo cada vez mais um deles. Deixou o alcoolismo e durante o inverno, quando os ursos hibernavam, ele fazia uma cruzada pedagógica pelas escolas do país, exibindo filmes que fazia na convivência com eles e defendendo a causa da proteção dos ursos pardos. O sentido místico de sua missão o impedia de receber pagamento por suas palestras.

Sua tipologia ciclotímica, em tudo coerente com sua tipologia matriarcal sentimento-intuição, foi se exacerbando defensivamente e se tornando uma patologia bipolar. Tomou medicação por um tempo, mas a estabilidade medicamentosa o incomodava. Preferia ser ciclotímico, pois sentia que era sua maneira autêntica de ser e, por isso, interrompeu a medicação, o que agravou sua bipolaridade defensiva.

Sua tipologia de dominância matriarcal criativa o impulsionou para a teatralidade. Nos últimos cinco anos passou a filmar-se entre os ursos e a apresentar seus filmes em escolas e na televisão. Sua proximidade com os ursos pardos ferozes e temidos amedrontava e fascinava seus ouvintes. Tornou-se uma celebridade nacional.

Sua simbiose com os ursos foi se intensificando a ponto de ele se identificar cada vez mais com eles. Apesar de ter namoradas, como Amie Huguenard, que morreu com ele no final, passava também um longo tempo sozinho com os ursos.

Da mesma forma que a fixação matriarcal dos alcoolistas, dos drogaditos e dos viciados em comida, chocolate e jogo, Timothy tinha consciência e ao mesmo tempo, negava o perigo que corria. Ele descrevia, nos filmes, o perigo dos ursos o atacarem e matarem e, ao mesmo tempo, afirmava onipotente e maniacamente, que ele era poderoso e estava no controle da relação com eles.

Sua sensibilidade e ternura transparecem frequentemente nos filmes, como quando ele vê uma abelha morta numa flor, se exalta e descreve poeticamente o drama comovente de uma operária que morreu em meio ao seu esforço diário de sobrevivência.

Sua relação simbiótica com os ursos evoluiu de normal e muito criativa, dentro de uma programação ecológica, para uma relação defensiva e neurótica quando ele passou a se aproximar e a se expor cada vez mais compulsiva e perigosamente a eles. Numa cena impressionante, ele filma o excremento de uma urso, dizendo “o excremento saiu recentemente de dentro dela e ainda está quente”, numa alusão clara de como o interior do corpo da urso o fascinava e onde seu corpo estraçalhado foi, finalmente, parar depois de ter sido devorado.

O esquimó Sven, curador de um museu no parque, afirmou, depois da morte de Timothy, que ele ultrapassou o limite de aproximação com os ursos, o que seu povo nunca fez durante sete mil anos. Apesar de querer fazer bem aos ursos, Sven afirma que Timothy lhes fez grande mal, pois ao transpor os limites da proximidade, ele iludiu os ursos com a noção de que os seres humanos são seus companheiros na natureza.

O agravamento defensivo da fixação simbiótica com os ursos levou Timothy à defesa psicopática, que o fez desrespeitar as autoridades do parque, que ele sempre acatou, passando a acampar em lugares proibidos no meio das árvores, onde sua tenda não podia ser vista.

Aos poucos, seu quadro se deteriorou e ele passou a apresentar características *borderline* com defesa paranoica e, por vezes, até mesmo psicótica, nas quais ele se filma ofendendo e gesticulando contra as autoridades do parque e todos os seres humanos.

No 13º e último ano de sua vida no Parque Katmai, ele, como sempre fazia, ficou até o outono e depois partiu com Amie. No entanto, no aeroporto, um funcionário afirmou que a passagem de Timothy havia perdido a validade. Contrariado, ele voltou para o parque e acampou no meio das árvores, sabendo que era muito perigoso, pois os ursos conhecidos já tinham hibernado e os ursos mais selvagens desciam famintos das

montanhas, porque não tinham mais peixes para comer. Inacreditavelmente, Amie voltou com ele, apesar dela ter um compromisso de trabalho na cidade na semana seguinte.

O ataque do urso que os matou ficou registrado no som de uma máquina de filmar que estava com sua lente encoberta. Nos sons gravados, Timothy é atacado pelo urso e durante seis minutos ouvem-se seus gemidos e sua voz dizendo a Amie para ir embora, para fugir. Apesar disso, ela fica e bate no urso com uma frigideira, até também ser morta e devorada.

A história dramática de Timothy Treadwell e de Anie Huguenard é um símbolo do movimento ecológico de proteção heroica à fauna do planeta, ao mesmo tempo em que apresenta a deterioração patológica progressiva da relação simbiótica defensiva matriarcal, na qual o Ego perde cada vez mais a sua identidade e acaba possuído, fusionado e destruído pela identidade com o Outro.

Na próxima aula, a 25ª, discutiremos o filme *Cisne Negro*, ilustrando a busca da alteridade dentro da arte e a luta com as fixações do Quatérnio Primário.

Texto recomendado: Releitura dos caps. 4, 7 e 8, da Psicologia Simbólica Junguiana.

Boa noite a todos e até quinta-feira.

Byington.